



## A FESTA MAIOR DO POVO BRASILEIRO

Leonardo Dantas SILVA

A força do cristianismo fez com que, ao longo dos séculos, se mantivessem devoções e festas populares como as de São Nicolau (bispo da Ásia Menor que viveu no ano 300 de nossa era), da Natividade, dos Santos Inocentes, do Ano Novo, dos Santos Reis, de Santo Antônio, São João, São Pedro, Santa Agueda, São Gonçalo e tantas que acontecem, ao mesmo tempo, em diferentes hemisférios.

As mascaradas de inverno, por sua vez, continuaram através dos tempos e se perpetuaram nas festas do Carnaval, que acontecem nos três dias anteriores à quaresma; ou seja, os quarenta dias que vão da quarta-feira de cinzas ao primeiro domingo da Páscoa, destinados pela Igreja Romana à abstinência de carne, orações e sacrifícios.

O Carnaval, da forma como é hoje conhecida, tem suas origens na mais remota antiguidade. Alguns chegam a remontar aos festejos romanos das *Saturnálias*, em honra do deus Saturno, e *Lupercálias*, ao deus Pã, ou Luperco, protetor das colheitas e que geralmente aconteciam no dia 15 de fevereiro. Há ainda quem relacione tais festas ao culto da deusa Isis, e até a deuses gregos, como Dioniso, cujas festas eram caracterizadas pela alegria desabrida, com a supressão da repressão e da censura, e a liberalidade das atitudes críticas e eróticas. No mundo cristão medieval era o período das festas profanas, iniciado na festa dos Reis Magos (Epifania) e que se estendia até a quarta-feira de cinzas, quando tinha início a Quaresma e começava a prática do jejum e abstinência de carne até o domingo da Páscoa. A Igreja Católica foi sempre tolerante para com o carnaval, chegando o papa Paulo II (séc. XV) a promover a animação

da Via Lata, fronteiraça ao seu palácio e que permanecia silenciosa e deserta ao longo do ano, realizando ali um carnaval romano com corridas de cavalos, desfiles de carros, batalhas de confetes, bailes mascarados e outras brincadeiras que se perpetuaram através dos séculos. Mais recentemente tornaram-se famosos os carnavais de Nice, Paris, Veneza, Roma, Nápoles, Florença, Colônia e Munique com suas músicas barulhentas, desfiles de carros alegóricos, com as suas críticas e licenciosidades, bailes de máscaras e desfiles de mascarados pelas ruas, dando assim inspiração a literatos, artistas e compositores.

## 1. O ENTRUDO PORTUGUÊS

E o carnaval em Portugal?

Em Portugal, como na Espanha e em algumas cidades da França, bem como em outros recantos da Europa, o carnaval era tão somente o entrudo brutal. Como melhor explica Júlio Dantas, em artigo publicado na *Gazeta de Notícias* em 21 de fevereiro de 1909:

*Nós, portugueses, nunca compreendemos que o entrudo pudesse ser uma festa de arte como na Itália da Renascença, nosso entrudo, o santo entrudo lisboeta, foi sempre fundamental e caracterizadamente porco. O século XVIII, então, excedeu a todos os outros. Foi o século típico do entrudo nacional [...]. Todos com a casaca de seda a escorrer ovos, a cara empastada de sangue e lama, cobertos das maiores imundices e dos mais sórdidos desejos, corriam as ruas debaixo da saraivada dos pós de panelas, das laranjas de cheiro, da farinha, dos esguichos, dos ovos de gema, de toda água vai que jorrava das rótulas estreitas e dos postigos mouriscos...*

Ainda em Portugal, Antônio Morais Silva (Rio, 1755 - Recife, 1824), autor do primeiro *Dicionário da Língua Portuguesa* (1786), quando

estudante na Universidade de Coimbra, foi denunciado ao Tribunal do Santo Ofício (Inquisição), em 17 de maio de 1779, por ter comido, juntamente com outros colegas de sua “república”, um presunto na terça-feira do entrudo. Repetindo o feito na Quarta-Feira de Cinzas, em pleno período da Quaresma, época em que os católicos eram obrigados a absterem-se de carne de qualquer espécie. Para fugir do processo da Inquisição de Coimbra, o nosso primeiro dicionarista transfere-se para Pernambuco, onde veio a ser proprietário do engenho Muribeca (Cabo de Santo Agostinho) tendo falecido no Recife em 11 de abril de 1824.<sup>1</sup>

No Brasil o que se viu, por mais de quatro séculos, foi a selvageria do entrudo português. Originário do latim, *introitus*, e já conhecido documentadamente na Península Ibérica desde o século XIII, a festa acontecia nos três dias que precediam a *Quarta-Feira de Cinzas*, na qual quase tudo era permitido, não somente no Brasil como em toda a América Espanhola, em que reinava o “entrudo porco e brutal”, como bem descreve os versos de Antônio Serrão de Castro (1613-1685):

Filhós, fatias, sonhos, mal assadas,  
 Galinhas, porcos, vaca e mais carneiro  
 Os perus em poder do pasteleiro,  
 Esguichar; deitar pulhas, laranjadas;  
 Enfarinhar; pôr rabos, dar risadas,  
 Gastar para comer muito dinheiro,  
 Não ter mãos a medir o taberneiro  
 Com réstias de cebolas dar pancadas;  
 Das janelas c’um tanho dar na gente,  
 A buzina a tanger; quebrar panelas,  
 Querer em um só dia comer tudo;  
 Não perdoar arroz, nem cuscuz quente,  
 Despejar pratos e alimpar tigelas,  
 Estas festas são do gordo Entrudo.

<sup>(1)</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Inquisição de Coimbra, Proc. nº 8094.

Em Pernambuco o entrudo é conhecido desde os primeiros anos da colonização, como se depreende do depoimento de Maria d'Almeida, prestado quando da Primeira Visitação do Santo Ofício em Olinda, perante o visitador Heitor Furtado de Mendonça, em 9 de agosto de 1595. Segundo ela, remontando a fatos observados “há cerca de quarenta anos”, no Engenho Camaragibe, o seu proprietário Diogo Fernandes, cristão-novo marido da também cristã-nova Branca Dias, “*servia a sua gente num dia de entrudo, peixe e na Quarta-Feira de cinzas, porco*”.

Ainda nas mesmas *Denúncias de Pernambuco*<sup>2</sup>, em depoimento datado de 10 de novembro de 1593, Diogo Gonçalves, lembrando fatos observados em 1553, diz que, no mesmo engenho Camaragibe, o supra citado Diogo Fernandes ofereceu aos seus trabalhadores como almoço “*numa terça-feira de entrudo*” algumas tainhas secas. No dia seguinte, uma quarta-feira de Cinzas, dia de abstinência de carne segundo o mandamento da Igreja Católica Romana, chamou todos a sua casa e ofereceu como alimento a carne de uma grande porca, que havia abatido naquele dia, o que foi motivo de grande escândalo entre os presentes.

Diogo Fernandes e Pedro Álvares Madeira, ambos de origem judaica, receberam as terras onde seria edificado o engenho Camaragibe em 1542. Treze anos depois, em 1555, foram as suas plantações destruídas por ataque dos índios, ficando o primeiro “muito pobre com seis ou sete filhas e dois filhos, sem ter com que os possa manter pela dita perda”, segundo carta de Jerônimo de Albuquerque ao Rei de Portugal.<sup>3</sup>

Tais fatos vêm demonstrar que a presença das festas do entrudo em Pernambuco data da primeira metade do século XVI, sendo constante a sua presença nos séculos que se seguiram, conforme se depreende dos depoimentos de viajantes que aqui aportaram.

---

<sup>(2)</sup> PRIMEIRA Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil - confissões e denúncias de Pernambuco 1593-94. Leonardo Dantas Silva (Org.) Recife: FUNDARPE, 1984. (Coleção pernambucana, 2ª fase, v. 14).

<sup>(3)</sup> ANTT, Lisboa. Parte I, maço 96, doc. 74.

Henry Koster, viajante inglês que residiu em Pernambuco entre 1809 e 1820, descreve com detalhes o folguedo do entrudo na zona rural, no seu livro clássico *Travels in Brazil* (Londres 1816), objeto de sucessivas edições em língua inglesa e traduzido para o português por Luís da Câmara Cascudo<sup>4</sup>. Outro viajante a documentar com graça a brincadeira do entrudo foi o francês Louis-François de Tollenare<sup>5</sup>, que residiu no Recife entre 1816 e 1817, tendo anotado em seu diário em 9 de março do último ano:

*O carnaval ou entrudo não admite outros folguedos, senão o de assaltos recíprocos com bolas de cera cheias d'água no rosto; é permitido retaliar; a guerra é assaz animada e presta-se a alguns tours de mains. Como não se está vestido adequadamente aos perigos aos quais se expõe acaba-se por ficar despido...*

A brincadeira do entrudo veio a ser documentada por Jean Baptiste Debret, pintor e engenheiro francês chegado ao Brasil em 1818 com a Missão Artística Francesa e que aqui permaneceu por quinze anos, que além de descrever a festa e o modo de confeccionar as “limas de cheiro” dedica-lhe um dos seus documentários em cromolitografia: “*Cenas de Carnaval*”.

## 2. A FESTA DA MASCARADA

O Carnaval, propriamente dito, da maneira em que é conhecido em nossos dias é festa relativamente recente. Os primeiros registros datam

---

<sup>(4)</sup> KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e notas de Luiz da Câmara Cascudo. Recife: SEC/Departamento de Cultura, 1978. (Coleção pernambucana, 1ª fase; v. 17).

<sup>(5)</sup> TOLLENARE, L. F. de. *Notas dominicais*. Tradução de Alfredo de Carvalho. Recife: SEC/Departamento de Cultura, 1978 (Coleção pernambucana, 1ª fase; v. 16) p. 128.

do final da primeira metade do século XIX, quando da realização dos bailes de máscaras no Rio de Janeiro.

Os bailes de máscaras apareceram com o intuito de civilizar o entrudo, tendo o primeiro acontecido em 1840 no Rio de Janeiro, promovido pela mulher de um hoteleiro, sendo ele situado no Largo do Rossio, segundo notícia *O Jornal*: “Hoje, 22 de janeiro, no Hotel Itália, haverá baile mascarado com excelente orquestra, havendo dois *cornets à pinton*”.

O sucesso do primeiro baile fez com que a promoção se repetisse em 20 de fevereiro do mesmo ano, sendo assim anunciada: “Baile de Máscaras como se usa na Europa, por ocasião do carnaval”.

Esses bailes, bem à moda dos carnavais de Veneza, Nice ou Paris, tiveram sucedâneos no Recife. O primeiro deles veio acontecer na Passagem da Madalena (Rua Benfica), sendo objeto de correspondência publicada pelo *Diario de Pernambuco* de 13 de fevereiro de 1845, subscrita por “Um Mascarado”: “o divertimento inocente, inteiramente novo para esta Província, teve estas feições: ordem, decência, regozijo e bom gosto. Para o primeiro ensaio força confessar que o baile teve belas feições [...] Entre os 33 mascarados que apareceram, dez trajando com gosto, propriedade e elegância são alguma cousa...” - O tema é objeto das edições dos dias 17 de fevereiro, 1º e 10 de março de 1845.

No ano seguinte, em sua edição de 19 de fevereiro, o *Diario de Pernambuco* traz o convite para a festa que tinha o título de “Carnaval Campestre”, prevista para a segunda-feira, dia 23, na casagrande do sítio do sr. Brito no Cajueiro (local hoje ocupado pelo Real Hospital Português de Beneficência), pedindo o “mestre-sala” aos convidados o comparecimento “com suas famílias no traje mais simples possível. Este pedido é para comodidade e liberdade dos mesmos convidados. Adverte o mestre-sala que os srs. convidados que quiserem ir ao baile mascarados o poderão fazer, participando-lhe com antecedência” - parecia haver um sensível cuidado com os “penetras”, sobretudo no que diz respeito à segurança do chamado sexo frágil.

O primeiro baile de máscaras aberto ao público, mediante cobrança de ingressos, vem a ser anunciado pelo *Diario de Pernambuco* de 18 de fevereiro de 1848, sob o título “Um Baile Mascarado”:

*No ano de 1844 teve lugar no Teatro São Pedro de Alcântara da Corte do Rio de Janeiro o 1º Baile Mascarado pelo tempo do carnaval. [...] Pernambuco, cuja capital rivaliza em luxo e polidez com a Corte deste Império, não deve ser vítima dos prejuízos [preconceitos] do século XVIII. E contando com a civilização e polidez dos habitantes desta segunda capital do Império que vai se dar este ano o primeiro Baile de Máscaras público debaixo das condições seguintes que serão religiosamente guardadas...*

O baile aconteceu na Estância - área da antiga estância de Henrique Dias (séc. XVII) hoje ocupada pelas Ruas Henrique Dias, das Fronteiras, parte da Rua Dom Bosco e Praça do Chora Menino - na casa do sr. José Batista Ribeiro de Farias, segundo noticia o mesmo jornal em sua edição daquele ano.

Os bailes mascarados passaram a ser uma constante na vida social da cidade do Recife, durante o período carnavalesco, transferindo-se das residências para os teatros como o Santo Antônio e o Santa Isabel, e este no carnaval de 1869, recebeu “um batalhão de máscaras, cada um dos quais fazia no vestuário uma letra garrafal do alfabeto romano” (*Diario de Pernambuco*, 10.2.1869). Neste mesmo ano, a 19 de setembro, o Teatro de Santa Isabel vem a ser destruído por um incêndio, o que deu lugar ao aparecimento na Rua das Florentinas (primeiro trecho da atual Avenida Dantas Barreto) do Teatro de Santo Antônio, construído pelo empresário José Duarte Coimbra que o inaugurou em 26 de fevereiro do ano seguinte.

Na imprensa se torna comum o anúncio de casas comerciais vendendo todo tipo de máscaras “de massa e arame”, Armazém do Vapor Francês, Rua Barão da Victória nº 7 (Rua Nova), que na edição do *Diario de Pernambuco* de 9 de fevereiro de 1875 anunciava um estoque de “seis mil máscaras”.

Já no ano de sua inauguração o Teatro de Santo Antônio realiza o seu primeiro baile de mascarados, merecendo o seguinte comentário do *Diário de Pernambuco*, em sua edição de 4 de março de 1870, na secção “Publicações a pedido”: “... a mocidade ressuscitou e cedo se animou nesses dias de prazer e nessas noites infernais. Saiu, infernais nos grandes bailes de máscaras. O teatrinho Santo Antônio foi o ponto principal da folia [...] Nos bailes no Teatro de Santo Antônio houve muita ordem a par de muita extravagância carnavalesca, a concorrência foi espantosa”...

Dos salões os mascarados ganharam as ruas, com seus grupos a pé e a cavalo, estes ricamente ajaezados com seus arreios em prata, marcando assim o início do carnaval da burguesia dos anos cinqüenta do século XIX. O entrudo português, perseguido desde os tempos de Felipe II (1598-1621), foi cedendo lugar a costumes mais civilizados bem ao gosto dos carnavais de Paris, Nice, Veneza, Nápoles, Colônia e Munique.

É desta época o aparecimento de grupos mascarados de expressão, a tomar conta das ruas dos bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista, em carros abertos puxados por cavalos, ou mesmo a pé, segundo comenta o *Diário de Pernambuco*, em sua edição de 14 de fevereiro de 1853:

*Retrospecto semanal - Falando acerca do entrudo ou carnaval havíamos dito que embora não fosse a mascarada uma espécie de divertimento isento de graves inconvenientes, contudo nos parece preferível ao folguedo grosseiro e bárbaro d'água, dos vermelhões, das fontes podres, etc. A nossa asserção pois, segundo nos parece, tomada ao pé da letra, é que o gosto pelas máscaras desenvolveu-se prodigiosamente neste ano. Brilhantes passeios de carros e a cavalo e até mesmo a pé, quatro bailes noturnos, sendo dois no Apolo e dois no Santa Isabel, ofereceram aos mascarados boas ocasiões de se divertirem. Assim passou o carnaval. O triunfo das máscaras sobre*



*o estrudo d'água, é um bem apreciável: os costumes se amenizam nem se purificam de outra sorte, as transições são indispensáveis e inevitáveis; e o que hoje vence, por menos bárbaro e prejudicial, amanhã será vencido.*

No carnaval seguinte, após enaltecer a diminuição das “batalhas” com limas-de-cheiro, o *Diario de Pernambuco* anuncia, em sua edição de 6 de março de 1854, o aparecimento de um conjunto de mascarados a imitar um cortejo de reis negros, ao sair com seus *maracatus* nas festas de Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes, ou nas festas de Nossa Senhora do Rosário, das irmandades dos homens pretos de suas igrejas nos bairros de Santo Antônio (séc. XVII) e Boa Vista (séc. XVIII).

*Entretanto o que mais parece ter entretido o povo e cativado o seu interesse, foi sem dúvida a imitação dos costumes dos africanos, na maneira por que fazem seus ordinários divertimentos, os seus maracatus. A imitação com efeito foi fiel, e os caracteres figurativos não podiam ser mais expressivos. Ver um desses grupos mascarados, é ver em dia do Rosário o rei de uma nação africana, debaixo da grande umbela, acompanhado dos seus súditos masculinos e femininos, a fazerem-lhe mil festas, dançando e saracoteando aos som dos mais esdrúxulos instrumentos, era ver a mesma cousa sem a menor diferença.*

A crítica continuou bem presente nos grupos de mascarados, tendo o escritor Antônio Pedro Figueiredo registrado, em sua secção “A Carteira”, do *Diario de Pernambuco* de 3 de março de 1857:

*...a imensa quantidade de máscaras que percorreram as ruas da cidade a pé, a cavalo e em carros. Apareceram muitas extravagâncias e caprichos nos disfarces, mas haviam também interessantes e historicamente vestidas [...] Entre*

*as mais interessantes notava-se um grupo fingindo alguns engenheiros ingleses, ocupados nos trabalhos do caminho de ferro e das obras de iluminação a gás desta cidade. Foi com efeito o disfarce mais espirituoso e pitoresco que se apresentou. Todos os indivíduos trajavam calça, paletó, polaina e luvas brancas, com chapéus-de-sol cobertos com fazenda também branca e com vários instrumentos científicos [...] Desta forma trajados e imitando os gestos daqueles que representavam, andavam pelas ruas levantando plantas e traçando nivelamentos.*

Em 1859, novamente O *Diário de Pernambuco* registra, em 8 de março, a presença da mascarada a tomar conta das ruas: “Está em seu fervor o carnaval e a mascarada tem concorrido este ano com toda sua animação. Nesse divertimento, que muito bem substituiu o entrudo, aparecem algumas vezes lembranças com aquele espírito que falta a quase todos os nossos máscaras”.

### 3. AS SOCIEDADES CARNAVALESCAS

A paisagem carnavalesca da segunda metade do século XIX, no Recife, tem sua origem nesses bailes de máscaras. Foram eles as primeiras manifestações do Carnaval propriamente dito, antecedendo a folia que veio a imperar nas ruas do Recife e de Olinda, bem como em outras cidades pernambucanas. Os passeios de mascarados nas ruas centrais vieram dar origem às primeiras sociedades carnavalescas, bem à moda do carnaval europeu, inclusive com um forte apelo para a crítica de costumes. A primeira delas foi o *Club dos Azucrins*, que começou a desfilar no carnaval de 1869, segundo noticiário da secção “Gazetilha”, do *Jornal do Recife* de 6 de fevereiro de 1875, que anuncia os festejos do sexto aniversário da agremiação.

O gosto pelo carnaval europeu e a necessidade de separação de classes sociais fizeram surgir os clubes de alegorias e críticas, que passaram a ser presença esperada todos os anos. Em 1882 surgiu o *Club 33*, cujo jornal vem a circular no mês de março daquele ano, seguindo-se do *Club Cavalheiros da Época*, que vem a aparecer quatro anos depois, com seus carros alegóricos, ricas fantasias, ‘estandartes de veludo bordados a ouro e pedrarias, fanfarras de clarins, orquestras e alegorias, com críticas alusivas à política e aos costumes. Essas sociedades, antecessoras do nosso atual *Clube de Máscaras O Galo da Madrugada* (na verdade também um clube de alegorias), eram formadas por pessoas pertencentes às classes de maior poder aquisitivo e vinham às ruas em carros de tração animal, ladeados por esquadrão de cavalarianos.

No carnaval de 1887 vem surgir o *Club dos Caiadores*, tendo o *Diário de Pernambuco*, em sua edição de 17 de fevereiro, segundo informação coletada pelo pesquisador Evandro Rabello, assim anunciado:

Nota Oficial - Club Carnavalesco Caiadores de 80 anos - *O clube acima mencionado, desejando dar mais distração ao respeitável público, nos três dias de festas carnavalescas, vem pela imprensa cientificar que nestes três dias percorrerá em toda ordem as ruas desta cidade. O mesmo pede aos moradores da Rua da Senzala Nova [Domingos José Martins] que à noite ilumine as frentes de suas casas, ficando desde já agradecido pelo merecimento que espera ter. Recife, 14 de fevereiro de 1887. Aprígio de Almeida, secretário.*

O *Jornal do Recife*, em sua edição de 17 de fevereiro do mesmo ano, informa que o Clube dos Caiadores sairá de sua sede no bairro do Recife, tendo no ano seguinte aquela sociedade carnavalesca feito editar um jornal, *O Caiador*/que veio a circular em números especiais entre 1º de fevereiro de 1888 e 21 de fevereiro de 1907. No *Jornal Pequeno* de 6 de fevereiro de 1908, o cronista carnavalesco Osvaldo de Almeida, sob o pseudônimo *Pierrot*, assim comenta: “... o decano dos clubes pedestres, *Caiadores*, solicita dos seus sócios preparar as suas varas e brochas para

o trabalho dos três dias de Momo [...] a reunião terá lugar pelas 7 horas da noite na Rua do Farol nº 32”.

Desta informação se depreende que o *Caiadores* era o clube pedestre mais antigo então em atividade no início deste século, tendo sua sede no bairro do Recife e não na Rua de Hortas, como mencionam alguns autores quando tratam da fundação do *Clube das Pás* (1890). O vocábulo *caiador*; segundo Pereira da Costa, in *Vocabulário Pernambucano*, conceitua: “homem de idade provectora, fraco, inutilizado; ‘o velho que não serve’ (*Marmota Pernambucana*, nº 54 - 1850)”, ou como nos versos do jornal *A Pimenta*, nº 52 - 1902: “*Do quitute do casório/Quis ela ter o sabor;/Mas o Zé, fato notório, /Era um triste caiador.*”

Com a abolição da escravatura negra, em 1888, e a proclamação da República, no ano seguinte, aumentou sensivelmente o número dessas sociedades carnavalescas, algumas delas, a exemplo das irmandades relegiosas, formadas por trabalhadores urbanos, que vieram a contribuir com o surgimento de novos clubes pedestres no carnaval do Recife. Assim é que o *Jornal do Recife*, nas edições de 1º, 2 e 3 de março de 1889, em notícia recolhida por Evandro Rabello, traz a fundação do “*Club Carnavalesco Vassorinha* (sic):

*Com este título organizou-se um novo club que nos três dias de Carnaval percorrerá as principais ruas desta capital, trajando com um agradável figurino aos apreciadores do festim, fazendo então suas manobras nos pontos determinados. Também fazemos cientes às pessoas que queiram ter as frentes de suas casas limpas, em vista da grande afluência de pó, que dirijam-se à rua de ... nº, que acharão com quem tratar. O fiscal, M.C.*

Tais clubes, ao contrário das Sociedades de Alegorias e Críticas, eram formados por pessoas pobres e remediadas originárias de categorias de trabalhadores urbanos, como comerciários, funcionários públicos, alfaiates, costureiras, talhadores, estivadores, funileiros, gazeteiros, verdureiros, tecelões, carvoeiros, dentre uma infinidade de

outras profissões, tendo geralmente um ou mais sócios beneméritos que se encarregavam da maior parte das despesas com os desfiles carnavalescos.

#### 4. OLHA O FREVO!

No calor dos desfiles de tais sociedades e do repertório em uso pelas bandas militares sediadas no Recife, foi sendo gerado o embrião da *marcha-carnavalesca pernambucana*, que veio a dar origem ao nosso *frevo*. Aliado aos passos dos capoeiristas, originário dos golpes marciais da capoeira angolana, surge o *passo* como coreografia do frevo.<sup>6</sup>

Como música, o *frevo* tem sua origem no repertório das bandas militares em atividade na segunda metade do século XIX no Recife: O maxixe, o tango brasileiro, a quadrilha, o galope e, mais particularmente, o dobrado e a polca-marcha, combinaram-se, fundiram-se, dando como resultado o *frevo*, criação do carnaval do Recife ainda hoje em franca evolução musical e coreográfica.

Derivado do verbo ferver, particularmente nas suas variantes fervorescente, efervescente, - palavras então conhecidas popularmente como *frevor*; *frevorescente* e *efrevesciente* -, o *frevo* lembra ainda, segundo Luís da Câmara Cascudo, in *Locuções tradicionais no Brasil*.<sup>7</sup> “confusão, movimentação desusada, rebuliço, agitação popular”, ou ainda, para Pereira da Costa, in *Vocabulário Pernambucano*, “apertões de grande massa popular no vaivém em direções opostas, como pelo carnaval, e nos acompanhamentos de procissões, passeatas e desfilar de clubes carnavalescos”.

No meio dos clubes carnavalescos o vocábulo *frevo* já se encontrava, presente em 1907, segundo demonstra Evandro Rabello em

---

<sup>(6)</sup> *Bandas musicais de Pernambuco: origens e repertório*. Leonardo Dantas Silva, organizador. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria do Trabalho e Ação Social, Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT. 395 p. il. Inclui bibliografia. Contém 10 arranjos musicais.

<sup>(7)</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Locuções tradicionais do Brasil* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. p. 313.

artigo sobre Osvaldo de Almeida, publicado no *Diário de Pernambuco* de 11 de fevereiro de 1990.<sup>8</sup> Naquele ano 1907, o *Clube Carnavalesco Empalhadores do Feitosa* publicava no *Jornal Pequeno*, edição do sábado de carnaval, 9 de fevereiro, o repertório da agremiação onde aparece O Frevo como uma das marchas a ser executadas pela orquestra:

Empalhadores do Feitosa, em sua sede que se acha com uma ornamentação belíssima. fez ontem esse apreciado clube o seu ensaio geral, saindo após em bonita passeata, a fim de buscar o seu estandarte que se acha em casa do sr. Alfredo Bezerra, sócio emérito do referido clube. O repertório é o seguinte:

Marchas *Priminha, Empalhadores, Delícias, Amorosa, O Frevo, O Sol, Dois Pensamentos e Luís Monte, José de Lyra, Imprensa e Honorários; Ária - José da Luz; Tango - Pimentão. Agradecemos o convite que nos foi enviado para o segundo dia de carnaval. (grifo nosso).*

Para o carnaval de 1907, o *Clube Empalhadores do Feitosa* contratou como orquestra a primeira fração da Banda da Polícia Militar, realizando o seu ensaio geral na quinta-feira, dia 7 de fevereiro, no Hipódromo, onde se encontrava a sua sede, fazendo no primeiro dia de carnaval uma visita à povoação da Torre, seguindo depois para o seu “passeio” pelos bairros do centro do Recife.

O outro registro do vocábulo, “atribuído como uma criação do cronista Paula Judeu”, Osvaldo da Silva Almeida (1882-1954), surge no mesmo *Jornal Pequeno* de 12 de fevereiro de 1908, na coluna *Carnaval*, assinada por aquele jornalista com o pseudônimo *Pierrot*, a partir de 31 de janeiro daquele ano. Em sua edição de 22 de fevereiro de 1909, *O Jornal Pequeno* traz na sua primeira página uma interessante gravura de autor

---

<sup>(8)</sup> RABELLO, Evandro. “Osvaldo Almeida - o mulato boêmio que não criou a palavra frevo”, *Diário de Pernambuco*, 11 de fevereiro de 1990. RABELLO, Evandro. “O aparecimento da palavra frevo”, in *Revista de História Municipal*. Recife: FIAM, Centro de Estudos de História Municipal, 1997 p.93-99.

desconhecido com a frase *Olha o Frevo*, anunciando desta maneira os festejos carnavalescos daquele ano. Pereira da Costa, em seu *Vocabulário Pernambucano*,<sup>9</sup> assim comenta: “O termo frevo, vulgaríssimo entre nós, apareceu no carnaval de 1909: *Olha o Frevo!*, era a frase de entusiasmo que se ouvia no delírio da confusão e apertões do povo unido, compacto, ou em marcha acompanhando os clubes”.

Na segunda década dos anos vinte, o vocábulo e seus derivados aparecem com frequência no noticiário carnavalesco da imprensa do Recife:

- O apertão do *frevo*, nesse descomunal amplexo de toda uma multidão que se desliza, se cola, se encontra, se roça, se entrechoca, se agarra (*Jornal do Recife*, nº 65, 1916).
- O *frevo que mais consola*, / O que mais nos arrebatá, / É o *frevo que se rebola* / Ao lado de uma mulata. (*Diário de Pernambuco* nº 66, 1916).
- Os rapazes souberam arranjar uma orquestra tão boazinha, que vem dar uma vida extrapiramidal ao rebuliço do *frevo*. (*O Estado de Pernambuco* nº 48, 1914).
- O clube levará um dos seus carros com uma pipa do saboroso *binho verde* para distribuir com o pessoal da *frevança*. (*Jornal Pequeno* nº 39, 1917).
- Do mundo a gente se esquece / Pinta a manta, pinta o bode, / E se o *frevar* recrudescer / Mais a gente se sacode. (*Diário de Pernambuco* nº 66, 1916).

Rodolfo Garcia, no seu *Dicionário de Brasileirismos (Peculiaridades Pernambucanas)*,<sup>10</sup> transcrevendo trecho dos versos publicados no nº 32 de *A Província*, Recife 1913, assim registra:

<sup>(9)</sup> COSTA, F. A. Pereira da. *Vocabulário pernambucano*. Prefácio de Mário Souto Maior. Recife: SEC; Departamento de Cultura, 1967. 816 p. (Coleção Pernambucana; 1ª fase, v. 2).

<sup>(10)</sup> GARCIA, Rodolpho. *Dicionário de brasileirismos. (Peculiaridades pernambucanas)*. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro v. 76, p. 633-947. Rio de Janeiro, 1913.

O Frevo, palavra exótica  
Tudo que é bom diz, exprime,  
É inigualável, sublime,  
Termo raro, bom que dói...  
Vale por um dicionário,  
Traduz delírio, testança,  
Tudo salta, tudo dança,  
*Tudo come, tudo rói...*

## 5. UMA BIBLIOGRAFIA ESPERADA

Muito embora seja o Carnaval a nossa maior festa, foram poucos os estudos a ela dedicados no Brasil. O mesmo acontece na Europa, onde a festa é vista mais pelo seu lado exótico e ao lado de suas origens mitológicas, como se depreende das obras de Julio Caro Baroja, *Eu Carnaval (1979)*, e Claude Gaignebet, *Le Carnaval (1974)*.

Nos raros estudos sobre o Carnaval Brasileiro sente-se a falta de uma bibliografia básica para o aprofundamento de determinadas questões. Os estudos sobre o tema são, em sua maioria, objeto de sintéticos artigos de jornais e de revistas, faltando em seu conteúdo a pesquisa de campo mais apurada de modo a esclarecer conclusões e afirmações contidas em tais textos.

O estudo das origens e evolução do nosso Carnaval carece de uma obra que consolide os seus múltiplos e variados aspectos, nesses quase cinco séculos de Brasil. Ainda está por se escrever uma obra que venha dar ao leitor a história social do nosso Carnaval, desde os primórdios com o entrudo do século XVI, passando pelos bailes de máscaras, associações carnavalescas e clubes pedestres do século XIX, às monumentais escolas de samba e ao carnaval elétrico dos nossos dias.

No âmbito do Carnaval do Rio de Janeiro merece destaque a produção da jornalista Eneida Costa de Moraes, *História do carnaval carioca (1958)*, e mais recentemente a de Maria Clementina Pereira Cunha, *Ecoss da Folia - Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e*



1920 (2001), existindo outras abordando aspectos diversos do ciclo carnavalesco.

Em Pernambuco, o primeiro a se interessar por aspectos do nosso Carnaval foi o recifense Francisco Augusto Pereira da Costa (1851- 1923), o grande mestre das coisas de Pernambuco. Referindo-se a ele, o nosso poeta maior João Cabral de Melo Neto, diz que “*sem o sotaque do escritor/nem o demônio do missionário, /só quis de pernambucania/ser simples professor primário*” .

Ao contrário de grande parte dos seus contemporâneos, Pereira da Costa preocupou-se com aspectos de nossa cultura popular, registrando-os em sua obra maior, *Anais Pernambucanos* (10 volumes) e em outros trabalhos específicos, como *Folk-Lore Pernambucano - subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco* (1905) e *Vocabulário Pernambucano* (1936). Esta última serviu de base ao mestre Luís da Câmara Cascudo na elaboração do seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954).

Depois de Pereira da Costa, o Carnaval do Recife vem a ser objeto de pesquisa por parte do escritor Valdemar de Oliveira, em ensaio denominado “O frevo e o passo, de Pernambuco”, publicado em 1946 no volume sexto do *Boletim Latino-Americano de Música* (Rio: Imprensa Nacional, 1946 p.157-192), publicação dirigida pelo musicólogo Curt Lange. O artigo em causa veio a gerar o livro, hoje clássico: *Frevo, capoeira e passo*; publicado pela Companhia Editora de Pernambuco em 1971.

Outro grande estudioso do nosso Carnaval foi o maestro César Guerra Peixe que, residindo no Recife entre 1949 e 1952, realizou trabalhos de pesquisa no âmbito dos caboclinhos e dos maracatus. Seus estudos vieram dar lugar ao também clássico *Maracatus do Recife*, editado por Irmãos Vitale em 1957, com uma segunda edição dentro da Coleção Recife em 1981.

A visão das manifestações folclóricas que acontecem em nossa festa vieram a ser estudadas nos anos sessenta pela antropóloga norte-americana Katherine Royal Cate. Nascida em Anápolis, Estado de Maryland, em 7 de dezembro de 1927, residindo algum tempo no Rio de Janeiro, veio casar-se no Recife, em 1951, com o professor Robert Brancoft

Cate. Retornando ao Recife em 1964, a autora passa assinar seus artigos como Katarina Real. Os seus estudos vieram dar lugar ao hoje clássico, *O Folclore no Carnaval do Recife*. Publicado em 1967 pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. O livro recebeu uma nova edição em 1990, revista e bastante ampliada, a cargo da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco.

No âmbito da bibliografia carnavalesca pernambucana, merece destaque a obra da pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, Rita de Cássia Araújo, *Festas: máscaras do tempo. Entrudo, mascarada e frevos no Carnaval do Recife* (1996). O livro aborda aspectos sociais de nossa festa maior na segunda década do século XIX e início do século XX. Outro estudo de importância no gênero é da lavra do jornalista José Teles, *Do frevo ao manguêbeat* (2000), que aborda o Carnaval do Recife a partir da música gravada, dando um especial enfoque para a importância da Fábrica de Discos Rozenblit que, por quase três décadas, foi a mais importante divulgadora da produção musical do Nordeste brasileiro. Encerrando este tópico, acerca dos novos estudos sobre o tema, vale lembrar os livros *Antologia do Carnaval do Recife* (Massangana, 1991), de Mário Souto Maior e Leonardo Dantas Silva, e *Carnaval do Recife* (Prefeitura da Cidade do Recife, 2000), de Leonardo Dantas Silva, que tentam fazer uma apreciação do tríduo carnavalesco do século XVI aos nossos dias.

Faltava, porém, uma bibliografia do Carnaval Brasileiro, assunto evitado nos diversos manuais bibliográficos e mesmo dicionários. Uma bibliografia sucinta, porém detalhista, sobretudo no grande manancial oferecido pela imprensa periódica, que viesse facilitar a vida de estudiosos e interessados em nossa festa maior. A lacuna é agora preenchida, com o trabalho que nos é ofertado pelas bibliotecárias da Fundação Joaquim Nabuco, Maria do Carmo Andrade Marques de Oliveira e Maria Lúcia Freitas Albuquerque, que, atendendo ao anseio do Editor da Revista *Ciência & Trópico*, o também musicólogo Sebastião, Vila Nova, oferecem este importante levantamento de fontes que em muito facilitará o conhecimento das mais diversas facetas da festa maior do povo brasileiro.

**Recife,  
Nossa, Senhora do Rosário da Torre,  
22 de fevereiro de 2002.**